

separar o pensamento da matéria pensante. Esta matéria é o substracto de tôdas as mudanças que se operam.

Na definição da concepção realista, verifica-se que o materialismo admite, de modo geral, que o sêr real objectivo (a matéria) é independente da consciência, das sensações, da experiência. A consciência é apenas o reflexo do sêr, no caso melhor, reflexo aproximadamente exacto (adequado a uma precisão ideal).

A matéria é que, ao agir sôbre os órgãos dos sentidos, produz sensações; a matéria é realidade objectiva que nos confere sensações. A matéria, a natureza, o sêr, o físico, são o primeiro dom, enquanto o espírito, a consciência, as sensações, o psíquico, são o segundo dom. O panorama do mundo mostra-nos como a matéria se move e como a *matéria pensa*. O cérebro é o órgão do pensamento.

C) Contrariamente ao idealismo, que contesta a possibilidade de conhecer o mundo das suas leis; que não crê no valor dos nossos conhecimentos; que não reconhece a verdade objectiva e considera que o mundo é cheio de «coisas em si» que nunca poderão ser conhecidas da ciência; o realismo parte do princípio que o mundo e as suas leis são perfeitamente conhecidas; que o nosso conhecimento das leis da natureza, verificado pela experiência, pela prática, é um conhecimento de valor e que tem a significação duma verdade objectiva; que não há no mundo coisas que não se possam conhecer, mas unicamente coisas ainda desconhecidas, e que serão descobertas e conhecidas pelos meios da ciência e da prática.

Criticando a tese de Kant e de outros idealistas, segundo os quais o mundo

das «coisas em si» é impossível de conhecer, a tese realista afirma que os nossos conhecimentos são absolutamente sólidos.

A refutação mais decisiva desta extravagância filosófica, como aliás de tôdas as outras, firma-se na prática, nomeadamente na experiência da indústria. Se nós podemos realmente provar a verdade da nossa concepção dum fenómeno natural criando-o nós próprios, produzindo-o com a ajuda das suas condições, e, o que é mais, fazendo-o destinar aos nossos objectivos, a «coisa em si» indecifrável, de Kant, não tem razão de subsistir. As substâncias químicas produzidas nos organismos vegetais e animais permaneceram estas «coisas em si» até que a química orgânica actuou na preparação dumas após as outras; por isso, «a coisa em si» torna-se uma coisa para nós, como por exemplo, a matéria corante da granza, a alizarina, que só extraímos da granza cultivada nos campos, o que conseguimos por um preço mais módico do grês, do carvão de pedra. O sistema solar de Copérnico manteve-se, durante trezentos anos, como uma hipótese, sôbre a qual se poderia apostar a cem, a mil, a dez mil contra um, mas não passava, não obstante tôdas as objecções, duma hipótese; mas logo que Leverrier, com o auxílio de algarismos obtidos graças a êste sistema, calculou não apenas a necessidade da existência dum planeta desconhecido, mas também o lugar onde êste planeta se devia encontrar no espaço celeste, e quando Galle o descobriu, em seguida, efectivamente o sistema de Copérnico estava provado.

Tais são, em resumo, os traços essenciais do enunciado da concepção realista do mundo.

J O S É V A S C O S A L I N A S